



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 185-194, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLAS MULTISSERIADAS¹

REFLECTIONS ON MULTI-GRADED SCHOOLS

Cleiciene Rabelo Conceição

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender os processos e as relações de vida dos sujeitos alunos e professores em espaços multisseriados. A pesquisa bibliográfica teve início no ano de 2016, findando-se no ano de 2019. A metodologia teve abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, com professores que já atuaram nesse modelo educacional e questionários que foram enviados por e-mail para professoras que atuaram em classes multisseriadas, uma no Estado do Pará e outra no município de Sinop. Os resultados apresentam uma realidade de muitos conflitos, que se expressam em uma rotina de trabalho e organização do tempo e do espaço, onde os sujeitos do campo são protagonistas.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola Multisseriada. História de vida.

ABSTRACT²

This paper aims to understand the processes and life relations of students and teachers in multi-graded spaces. The bibliographic search started in the beginning of 2016 and was concluded in 2019. Its methodology was a qualitative approach in which there are semi-structured questions to teachers who have already worked in

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLAS MULTISSERIADAS**, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/2.

² Resumo traduzido pelo Professor Gustavo de Oliveira. Graduado em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2019/02.

this educational model. Forms were sent by email to teachers from multi-graded schools in Pará state. The results evidence a reality of many conflicts that are part of the routine of work and organization of time and space in which people from rural zone are protagonists.

Keywords: Countryside education. Multi-graded school. Life history.

Correspondência:

Cleiciene Rabelo Conceição. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: cleicienerabeloconceicao@gmail.com

Recebido em: 26 de agosto de 2020.

Aprovado em: 30 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4108/2778>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo volta-se para problematizar a multisseriação na realidade da educação do campo. Nessa medida, refletir essa realidade é imprescindível para mergulhar nas particularidades da realidade desse contexto educacional e de seus sujeitos, focando nas estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores.

Assim, nosso objetivo foi o de refletir os desafios dos processos de ensino e aprendizagem em espaços multisseriados em realidade de escolas do campo. E, para balizar a metodologia, nossa opção se dá pela abordagem qualitativa, sob a perspectiva de história de vida. Essa opção por entrevistas³ realizadas no ano de 2019 permitiu coletar informações das relações construídas por professoras do Estado do Pará e município de Sinop, de suas práticas pedagógicas e vivências, situando a expectativas, desafios, ações, planejamentos, relações pedagógicas nas vivências em escolas multisseriadas.

A multisseriação não é apenas uma prática de ensino, mas uma necessidade de organização de classes em uma realidade rural, uma adaptação que toma propriedades diferentes das classes seriadas.

³ Durante as falas das entrevistadas, será utilizado nome fictícios.

São sérios e graves os problemas pelos quais passam o processo educativo em nosso país e, sobretudo, a educação no campo. Motivada por diversos fatores significativos, emerge o interesse, então, em investigar como acontece essa modalidade de educação. A educação no campo é marcada por várias eventualidades, o que torna as relações pedagógicas complexas, nem sempre efetivas quanto aos resultados no processo de ensino e aprendizagem. Diante de tantos percalços enfrentados pelas escolas do campo, as classes multisseriadas merecem e precisam ser discutidas, visto que esse modelo de ensino atinge grande parte das escolas rurais de nosso país, principalmente aqueles que se encontram distantes dos grandes centros urbanos.

Da pesquisa, nos deparamos com uma realidade em que a escola de classe multisseriada expressa não somente desafios, sobretudo, uma escola do improviso por tratar de uma adaptação sem contexto com os sujeitos do campo.

Nesta temática de pesquisa, a **Revista Eventos Pedagógicos – REP's** já publicou sobre o assunto deste artigo em 2016 com a acadêmica Rosilda Ribeiro Chagas, intitulado de **Práticas Pedagógicas na alfabetização de uma turma multisseriada no campo**.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

No fim do século XX, por meio dos movimentos sociais, principalmente do Movimento dos Sem Terra (MST), que visava a educação dos sujeitos do campo, a educação do meio rural passou a entrar em discussão, e sob efervescência, no cenário político e educacional do Brasil. As lutas surgiram a partir da necessidade que os camponeses tinham de ter uma educação voltada para a realidade que os pertenciam, assim, tendo o espaço rural como produtor de cultura e conhecimento com estilo de vida próprio. Para Caldart (2004, p. 43-44):

[...] é a própria realidade como se apresenta o MST hoje que coloca a análise da dimensão cultural como uma das possibilidades de sua compreensão histórica. Trata-se de um movimento social que se foi constituindo historicamente também pela força de seus gestos, pela postura de seus militantes e pela riqueza de seus símbolos. Do chapéu de palha das primeiras ocupações de terra ao boné vermelho das marchas pelo Brasil, os Sem Terra se fazem identificar por determinadas formas de luta, pelo estilo de suas manifestações públicas, pela organização que

demonstram, pelo seu jeito, enfim, por sua identidade.

Sendo assim, trata-se de uma educação que deve ser pensada e voltada para o campo, de maneira que reforce a identidade dos sujeitos, tendo um currículo que faça sentido. E, para tal, deve ser pensado coletivamente pelos camponeses trabalhadores do campo.

O avanço da educação do campo se deu graças à LDB, que defende os princípios que a norteiam, determinando que as metodologias, e o currículo organizado para tais escolas, devem compor questões relacionadas à realidade do campo. O artigo 28 da LDB determina que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996, p. única).

No entanto, há divergências, uma vez que o currículo apresentado é o oposto da realidade dos sujeitos do campo. O qual a educação do campo acaba sendo um tanto quanto marginalizada, de modo que desvaloriza a riqueza cultural existente no espaço ofertado. Para Marinho (2008, p. 10), “[...] a educação brasileira rural não tem mantido o homem no seu *habitat* de origem, nem tem eliminado o alto índice de analfabetismo [...] e muito menos ajudado esse homem a transformar sua realidade”.

Ao examinar, podemos observar que um dos seus grandes problemas é a dificuldade de acesso e a sua qualidade. A luta por uma educação básica do campo, constituída a partir dos movimentos sociais, já nos mostra algumas mudanças no cenário atual. Porém, ainda há um longo caminho a ser trilhado até que se chegue no patamar no qual os trabalhadores do campo possam usufruir de um ensino de qualidade, que visa atender as reais necessidades de uma realidade escolar sob uma formação inscrita nas vivências dos sujeitos que direcione para o trabalho do campo e no campo.

3 A ESCOLA MULTISSERIADA: as marcas da vida na escola

As formações das escolas multisseriadas surgiram como uma maneira de levar educação à zona rural, onde, na sua grande maioria, não existem crianças para completar o quadro de alunos necessários para fechamento de turmas. de um número X de crianças, para que ocorra a abertura de turmas regulares. Portanto acaba se instituindo como alternativa para atender níveis de escolaridades diferentes de alunos em uma única sala sob a orientação didático-pedagógica de um único professor.

As salas são compostas por alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e muitas vezes, comportam também a educação infantil de 4 a 5 anos, com uma totalidade de 60% dos estudantes do campo. O Censo Escolar de 2017 mostra que existem 97,5 mil turmas multisseriadas em todo país. E esse número permaneceu praticamente inalterado nas dez últimas décadas. Para Arroyo (2011, p. 16):

A escola multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado, vista como distante do padrão de qualidade pelos resultados das avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pela falta de condições materiais e didáticas, pela complexidade do exercício da docência em classe multisseriada, pelo atraso da formação escolar dos sujeitos do campo em comparação com aquela da cidade.

Esse modelo de ensino, de alguma maneira não é visto positivamente e predomina um olhar de negatividade. Como seria possível um único educador dar conta de trabalhar conteúdos diversificados para crianças com idades e séries diferentes, tendo em vista a sobrecarga que o mesmo tem, além da docência o professor exerce cargos que não lhe competem? Em um de seus relatos, a professora Iolanda cita algumas das suas técnicas para trabalhar com essas crianças:

(01) Iolanda: Existia criança de 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano, até aí, 4º ano, 5º ano, que é a 4ª série. Então, por exemplo, eu ia fazer uma aula que o conteúdo hoje, eu ia falar, por exemplo, vamos dizer assim, de Geografia. Vamos falar de Geografia, História, alguma coisa assim. Então, eu repartia o quadro em partes iguais, e cada parte daquela eu colocava a série que o aluno estava ali a esperar o dever, então

começando pela 1º série, pelo 1º ano, eu colocava como ele não sabia ainda distinguir alguma coisa, não sabia ler, eu colocava para fazer um desenho, eu dizia; - Faça um desenho do sol, ou da lua. Alguma coisa que relacionava nesse sentido. 2º série já sabia ler, então eu já colocava para ele falar, fazer o desenho e escrever o que ele desenhava, por exemplo, um rio, as utilidades do rio, tudo, sobre a pesca, isso pra 2º. Para a 3º série eu já colocava outra “coisinha”, mais “puxadinha” um pouco. Naquela época tinha muita prova objetiva, conteúdo objetivo, eu pedia para eles, darem exemplo de planícies, estradas, montanhas, alguma coisa assim, floresta, matas, alguma coisa assim, que relacionava a este sentido, assim por diante. Na 4º série, eu já pedia para eles fazerem uma pesquisa, dava um livro pra eles, pra tentar formular perguntas e respostas, pra eles encontrar no livro. Fazia também com a 3º, fazia também assim. Então, eu tentava envolver todo aquele povo. Então quando eu ia fazer a explicação da matéria, daquele conteúdo, o meu objetivo era o seguinte, atingir da 1º série até a 4º serie. Olha para 3º e 4º série, eu usava muito que estava acontecendo na região, eu usava muitas coisas da região, por exemplo, tinha aluno que chegava e dizia, - “ai professora, o papai vai amanhã para Rurópolis⁴ e vai levar quatro galinha para vender”. – “Ai professora o papai vai está vendendo tantas galinhas”. Então eu checava o preço das galinhas. Eu já ia trabalhar em cima daquilo ali, botar uma matemática. Porque, por exemplo, eu colocava seis galinhas a tanto reais, e dá quanto? Então eu já colocava bem os problemazinhos para eles ficarem bem entretidos com aquilo ali. Ainda colocava uma lista, e dizia, - “Olha, vocês vêm o que dá para comprar nesta lista aqui”. Então eu dava uma lista de óleo, açúcar... Tudo baseado, onde a gente estava morando. Então eu dava aquela lista com os preços, ai eu colocava, - “Alguém vai vender, vai na cidade pra vender tantas galinhas á tanto. Então, ele tem essa lista ali, para ele comprar, com os preços tudinho, e sempre auxiliando eles, dizendo como eles iriam fazer. Eles vendiam a galinha lá, dava aquele total, e daquele total eles iam tirar aquela lista de compra, aquele total, aquela soma ali. Então eu trabalhava muito sobre isso também com eles.

⁴ Rurópolis é uma cidade que fica localizada no Interior do Pará, às margens da BR-163 e BR-230 (também conhecida como Transamazônica).

A fala da professora nos conduz a pensar que, mesmo com toda dificuldade quando ‘se quer, se é capaz de superar o obstáculo, bastando crer e atuar criativamente’. É inegável que a criatividade é uma mediação necessária para criar situações de aprendizagem.

É evidente que, mesmo sob espontaneísmo pedagógico e, de que este não seja suficiente para imprimir mudanças significativas, há uma margem pela qual o professor e os alunos do campo reinventam suas práticas pedagógicas, que aqui denominamos de uma estratégia didático-pedagógica de “último caso”, como expressão da criatividade e reinvenção do sujeito do campo. É desse lugar de reinvenção e recriação como mediação da prática pedagógica que os professores e os alunos do campo se instituem como sujeitos de desafios, diante de uma estrutura de dominação e de desigualdade.

O professor da multissérie precisa não somente usar das oportunidades que surgem, mas também criá-las para que seus alunos consigam compreender o que está sendo proposto com maior clareza: fácil? Responde a inquietações de ordem urgente? Obviamente que não. A dinâmica do real se impõe duramente nas vidas dos sujeitos do campo. Por outro lado, eles desafiam a normalidade de uma realidade difícil, mas banhada em modos de vida do campo.

A necessidade de o professor mobilizar-se em diversas frentes de ensino e aprendizagem, o impulsiona a esse movimento pedagógico, mesmo sob a esteira do papel multifacetado, boa parte do seu dia é voltado para tarefas que deveriam ser realizadas por outros profissionais. Há, nesse movimento, de uma ação pedagógica, por uma escola do improviso. Assim, a professora Regina nos afirma em um trecho da conversa:

(02) Regina: A professora lavava, limpava a escola, mas ela quase não pedia ajuda pra nós limpar não, ela limpava sempre, mas pra nós o máximo que ela pedia era pra gente varrer em volta do lixeiro que sempre tinha uma lata que servia de lixeiro e as crianças debulhavam o lápis a sujeira do lápis que ficava no chão, daí sempre tinha um que tinha que varrer e juntar aquilo. Então ela fazia limpeza, ela comprava e buscava giz, apagador as folhas de almoço que era onde a gente fazia as provas.

Para elaboração dos planejamentos, esses professores fazem uso do que seria um dos seus principais instrumentos de trabalho, que os livros didáticos, os quais o professor e os alunos enfrentam mais um obstáculo: os livros não foram idealizados/produzidos para suprir às necessidades dos alunos do campo. Isso implica na desconstrução dos sujeitos daquele espaço.

Com isso, observa-se que algumas das milhares características das classes multisseriadas é a não valorização do currículo voltado para a realidade em que vivem os sujeitos do campo.

4 LEMBRANÇAS QUE GRITAM E NÃO SE SILENCIAM: a outra história da escola multisseriada

A discussão acerca da escola multisseriada traz alguns paradigmas que pretendemos esclarecer. Um deles é a real necessidade da existência desse modelo nas escolas do campo, onde, em sua grande maioria, é a única solução para que haja acesso à educação aos indivíduos do campo, e por sua vez, esses alunos não podem contar com professores que tenham formação que os atenda.

Trata-se de um desafio enfrentado não só pelos alunos, mas também pelos professores que se desafiam e desafiam essa realidade. Ter uma formação, um nível superior, implica muito na organização do planejamento bem como nas formações teóricas, metodológicas e didáticas, levando em consideração que boa parte dos cursos de formação continuada não considera a realidade das crianças do campo, tampouco do campo de modo geral, ou seja, a realidade vivenciada. Para tanto, se faz necessário que essas escolas sejam mobilizadas sob a perspectiva de combinações que mobilize a vida do campo, as dimensões de organização e planejamento de vida individual e coletiva que derivam do modo de vida e a formação escolar.

E como evitar que as escolas não sejam fechadas sem que ainda se cumpra com a educação do campo para a vida de seus sujeitos? São muitas as contradições para as quais não basta apenas uma descrição. Às vezes, assume formas de 'gritos sem qualquer escuta', contudo, que 'não se silenciam'. As dimensões do ser professor vão muito além da formação do indivíduo.

Contudo, o professor que atua na escola multisseriada acredita na força do educador do campo, porém, ele não se fortalece sozinho. É preciso bem mais que uma sala de aula estruturada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do campo é sinônima de uma luta constante dos trabalhadores do campo que não desistem de fazer da vida e seu modo um direito de fato, de manterem as condições de dignidade. É uma realidade de muitos conflitos que se expressam, em uma rotina de trabalho e organização do tempo e do espaço. Além disso, as pessoas que vivem no campo sofrem com a ideia de que é um lugar “atrasado” e inferior aos grandes centros urbanos. Ainda, essa situação se agrava mais quando mergulhamos na realidade escolar e no dia a dia de quem estuda nas escolas do campo.

Os relatos das experiências e das lembranças das professoras colaboradoras são personificações das lutas pelas quais as pessoas do campo enfrentam.

A educação escolar ofertada sob o modelo das classes multisseriadas revela uma educação do improviso, contudo, em razão das constantes necessidades de recriação e reinvenção, os professores são mobilizados por estratégias didático-pedagógicas mobilizando-se pela reinvenção pessoal e coletiva.

São vozes que gritam porque se instituem por lutas que não cessam. A educação do campo é um direito desses sujeitos e os quais na razão do existir enfrentam a escola do improviso, do modelo multisseriado: essas vozes não se silenciam. Implicando certamente também na força das pessoas do campo, professores e alunos são protagonistas. O movimento também reflete a vida do educador que, em sua grande maioria, desempenha outras funções, na qual há sempre uma constante luta pelo existir.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna, (org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 02 nov. 2019.

CHAGAS, Rosilda Ribeiro. Práticas Pedagógicas na alfabetização de uma turma multisseriada no campo. **Revista Even. Pedagog.**, Sinop, v. 7, n. 3, p. 1577-1603, ago./dez. 2016. Disponível em:

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2394/1907>.

Acesso em: 14 ago. 2020.

IOLANDA 1. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Cleiciene Rabelo Conceição. Reflexões sobre as escolas multisseriadas. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago. 2019.

MARINHO, Ernandes Reis. **Um olhar sobre a educação rural brasileira**. Brasília: Universa, 2008.

REGINA 1. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Cleiciene Rabelo Conceição. Reflexões sobre as escolas multisseriadas. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago. 2019.